

UMA LITERATURA DA PÓS-MEMÓRIA DAS DITADURAS LATINO-AMERICANAS: entrevista com Patricio Pron, autor de *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva*

PATRICIO PRON

Universidad Georg-August de Göttingen (UGAG)

SERGIO SCHARGEL

Universidade de São Paulo (USP)



Patricio Pron, fotografia de Lisbeth Salas

Entrevista realizada por e-mail em 17 de junho de 2022.

Patricio Pron faz parte de uma tradição recente da literatura latino-americana contemporânea: uma literatura sobre a memória das ditaduras. Em outras palavras, não se trata apenas de uma memória, mas de uma pós-memória, a relação que a segunda e terceira geração têm com o trauma da violência ditatorial. A dor está presente, mas não vivida em si mesma. Ela se manifesta como uma grande sombra, um fantasma, uma lembrança transmitida de geração em geração.

Argentino, Pron possui um doutorado em Filologia Românica pela Universidade de Göttingen, na Alemanha. Em 2011, publicou a primeira edição de *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva*, tema desta entrevista, na qual ele explora a construção da memória em relação à ditadura argentina. Especificamente, ele aborda a tentativa da geração seguinte de compreender o espírito de seu país, o que inspirou o título do livro. Nesta conversa, Pron responde a algumas perguntas sobre seu livro e discute alguns conceitos e ideias que nele aparecem.

Esta entrevista foi realizada por e-mail no dia 17 de junho de 2022.

Sergio Schargel: Bom dia, Patricio, como você está? Antes de tudo, você poderia se apresentar? Fale um pouco sobre você, quem é Patrício Pron, sua trajetória, sua carreira e sobre o que é sua literatura.

Patricio Pron: Meu nome é Patricio Pron, tenho 46 anos e sou um escritor argentino que vive na Europa há mais de duas décadas. Entre 2000 e 2007, morava em Göttingen, Alemanha, onde obtive meu doutorado em Filologia Românica com um livro sobre o escritor argentino de língua francesa, Copi, e trabalhei na universidade. Desde 2008, moro em Madri, onde trabalho como escritor e crítico literário, contribuindo para publicações como *Cuadernos Hispanoamericanos*, *Letras Libres* e *El País*. Meus livros foram premiados diversas vezes e traduzidos para doze idiomas. Em 2010, a revista inglesa *Granta* me escolheu como um dos vinte e dois melhores escritores jovens de língua espanhola de minha geração, algo que talvez signifique muito, mas talvez não tenha nenhuma importância. Publiquei dois livros de contos e dois romances antes de deixar a Argentina. Desde então, publiquei mais quatro livros de contos, cinco romances e alguns ensaios. Meus dois últimos livros são uma antologia pessoal do meu trabalho como contista, intitulada *Trayéndolo todo de regreso a casa (Relatos 1990-2020)*, e uma seleção do meu diário de sonhos chamada *Traumbuch* (2022). Em geral, escritores não são os melhores críticos de seu próprio trabalho, pois nos falta a distância necessária para vê-lo com objetividade. No entanto, eu diria que o tema dos meus livros é a relação entre as palavras e o mundo — o que é o mesmo que dizer que minha literatura é explicitamente política — e como a arte se tornou política e a política se tornou crime ao longo do século XX e até os dias de hoje.

Sergio Schargel: Além de escritor, você também é acadêmico na área de letras. Como essas duas ocupações se conectam, dialogam ou até mesmo se contaminam? Como a academia influenciou a escrita de sua ficção?

Patricio Pron: Trabalhei apenas alguns anos na universidade, mas esses foram decisivos para mim, pois foi na universidade que aprendi os procedimentos da arte de arquivo com a qual meu trabalho costuma se associar. Aprendi a ler "contra" as ideias estabelecidas pelos autores e pelo mercado, e até tive a oportunidade de aprender a ler contra a academia. Todos os meus livros têm o que Roberto Bolaño chamava de "uma sombra literária", no sentido de que — pelo menos em parte — eles também falam sobre outros livros. Portanto, adquirir as ferramentas para ler melhor — ou pelo menos não tão mal quanto eu fazia no pasado — foi fundamental, e sou muito grato à universidade alemã por isso. De forma mais geral, sou imensamente grato por ter tido a oportunidade

de estudar lá a teoria crítica que acredito estar por trás de todos os meus livros até o momento. Todos eles bebem da "estética da negatividade" defendida por Walter Benjamin e Theodor W. Adorno, entre outros autores.

Sergio Schargel: *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* parece beber de um movimento recente na literatura latino-americana, um subgênero, por assim dizer, de reconstrução da memória da ditadura. Mais do que isso: uma oposição entre o trauma vivido pela geração que era adulta durante o autoritarismo na região e a geração que era criança naquele momento. Por que você quis trabalhar nessa perspectiva, nessa oposição entre o legado da geração anterior e a sua? Por que esse movimento, esse subgênero, essa tentativa de reconstrução do passado que vemos em obras como a sua, *Formas de voltar para casa*, entre outras? Quanta autoficção há em seu livro?

Patricio Pron: Nunca quis escrever *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* ou qualquer outro texto que participasse do subgênero do qual você fala, que de fato existe e alguns já chamam de "a literatura dos filhos". No entanto, a natureza complexa, tremendamente dolorosa e conflituosa da experiência revolucionária na América Latina — e o fato de que essa experiência também é a nossa, dos que nasceram, na Argentina, entre 1960 e 1980 aproximadamente — nos confronta com a impossibilidade de compreender: nem mesmo aqueles de nós que são filhos de ativistas políticos que não foram desaparecidos e permaneceram leais às suas ideias de juventude estão certos de compreender bem o tipo de sacrifício pessoal que eles estavam dispostos a realizar. Não compreendemos sua experiência, mas a reconhecemos como decisiva, para eles tanto quanto para nós, assim como sabemos que crescemos em países que, como Chile, Uruguai e Argentina, são o produto direto do assassinato e exílio de milhares de pessoas. Nesse sentido, o tema do romance se impôs a mim, assim como a ideia ou a convicção de que no passado estavam as respostas para nossas perguntas sobre o presente. Não se tratava tanto de "reconstruir a memória" como de "construí-la", pois sobre os fatos trágicos do passado recente operam não apenas a incompreensão à qual eu me referia antes, mas também a vontade implícita e explícita de certos atores da vida econômica e política argentina de fazê-los serem esquecidos. O romance, resistindo a essa espécie de demanda tácita de "virar a página", tenta resistir de um lugar diferente do habitual nos romances sobre o tema, um lugar de onde a memória não é vista tanto como um elemento necessário para a reconstrução do passado, mas como o local de onde extrair exemplos de uma prática política de natureza utópica que seja válida para o presente.

Sergio Schargel: Enzo Traverso, em seu livro *Melancolia de esquerda*, apresenta uma ideia que me parece bastante interessante e que acredito encontrar eco em seu livro. O autor divide a noção

polissêmica de melancolia em duas: ativa e passiva. A ativa, sintetizada no jogo de palavras em português "luto e luta", responde à visão teleológica da História, a ideia de que, independentemente das derrotas, o marxismo é inevitável. A passiva, característica do século XXI, assume que a derrota política do comunismo real levou à morte da visão teleológica, e o comunismo deixa de ser uma inevitabilidade para se tornar uma opção entre outras. Nesse sentido, parece que essa divisão existe em seu livro, se me permitir a liberdade criativa. Na verdade, neste subgênero, se podemos chamá-lo assim, em geral. A geração dos pais é motivada por essa melancolia ativa, enquanto a dos filhos é marcada por essa herança passiva. Gostaria de saber um pouco mais sobre essa divisão, se possível. O que há de melancólico em *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva*? O próprio título parece imprimir esse *ethos* melancólico, assim como a reconstrução dos jornais e a busca de Burdisso.

Patricio Pron: Conheço o livro de Traverso, embora este tenha sido publicado depois de *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* e não tenha influenciado sua escrita. Meus pais, assim como os demais de sua geração, têm uma visão totalmente teleológica da História, quase hegeliana em sua radicalidade, mas minhas experiências, minha formação e, em não menor medida, a experiência de observar a política não apenas na América Latina nas últimas décadas, me colocam mais do lado daqueles que entendem a História como uma sucessão de acontecimentos em que a moral e a linearidade não desempenham nenhum papel, um pouco na linha da "teoria da descontinuidade" mencionada por um personagem em um livro meu chamado *O começo da primavera*. Pessoalmente, não acredito que haja alguma potência salvífica na História, mas isso não me provoca nenhum tipo de melancolia, creio.

Mas, ao mesmo tempo, penso que a reivindicação de mais vida e melhores condições para mais pessoas não constitui uma alternativa, mas uma obrigação, e que essa reivindicação talvez tenha alguma chance de sucesso se estudarmos os erros e acertos da geração anterior. Como menciono no romance, talvez não possamos endossar muitas das concepções e ações políticas dos membros da geração anterior, mas podemos e devemos endossar sua vontade e dedicação, honrando-as na medida de nossas possibilidades com uma ação política afirmativa e consistente. Cresci em um contexto em que o "fim da história" de Francis Fukuyama anunciava um futuro sem conflitos, mas também o fiz em um país onde, como em quase todos os lugares, o conflito é inerente à vida prática e é motivado, entre outras coisas, por um aumento extraordinário da desigualdade econômica e política, desastres ambientais e o aumento de atitudes misóginas, negacionistas e racistas. Por essa razão, celebrei e celebro o retorno da política; para mim, no entanto, ela nunca havia ido embora, ou foi embora por muito pouco tempo. E sobre isso também fala *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva*.

Sergio Schargel: Há uma grande sombra ao longo do livro, que é o espectro da ditadura. No caso de Burdisso, isso é muito simbólico: quando ele recebe reparação pelos crimes autoritários, é assassinado. Ou seja, a reparação é impossível, a morte a precede. Como você queria abordar e lidar com a ditadura? Por que essa escolha narratológica da ditadura como grande figura?

Patricio Pron: Não achei necessário falar da ditadura de maneira direta, uma vez que seus crimes são bem conhecidos por todos; busquei uma abordagem um tanto enviesada que, por um lado, destacasse que continuamos vivendo à sombra da ditadura e do assassinato e desaparecimento de milhares de pessoas; e, por outro lado, procurei tornar evidente ao leitor que nossa vida privada é completamente atravessada pelo público, mesmo pelo público ominoso. Isto é onipresente em certas vidas como as dos Burdisso: sua história e o que ela revela sobre a impossibilidade do luto e da reparação falam com clareza suficiente sobre o que penso da ditadura argentina para atribuir-lhe algo mais do que o caráter de um pano de fundo para a ação. Claro que o pano cai sobre os protagonistas e os envolve até sufocá-los, mas é disso que trata este livro.

Sergio Schargel: *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* é uma obra que incorpora o melhor da tradição da literatura histórica, uma ficção que se relaciona diretamente com a história. Neste sentido, é sintomático que o protagonista aborde a ausência de memória e sua tarefa de reconstruir a história através da memória. Como você queria abordar essa relação entre ambos os campos? Por que essa opção pela ausência de memória, em uma obra que colhe tanto da História? Como você vê essa relação entre literatura, memória e história no contexto das ditaduras latino-americanas?

Patricio Pron: A exigência, a reivindicação de "memória, verdade e justiça" atravessa todas as sociedades latino-americanas e sua relação com os eventos trágicos de seu passado recente; no entanto, os três termos são complexos e problemáticos quando são colocados juntos, já que a memória não é o mesmo que a verdade, e esta nem sempre equivale ao que os órgãos judiciais determinam e sancionam como verdadeiro. Portanto, minha abordagem à História — com maiúscula, mas também à minha história pessoal — precisava tematizar essa complexidade, assim como discutir os vínculos entre a memória e o que julgamos verdadeiro. O romance se articula em um questionamento explícito da ideia de que o sujeito individual pode oferecer uma narrativa "verdadeira" de si mesmo e do que lhe aconteceu; o que ele está tentando dizer é que devemos ler todos os textos — especialmente os que falam da História — com uma porcentagem significativa de desconfiança e suspeita, como se todos esses textos fossem romances policiais, e nós, seus detetives. Malgrado nossa vontade, também

devemos ler o depoimento dessa maneira, que até cerca de dez anos atrás era o gênero dominante para narrar o passado trágico de nossos países; questionar a autoridade absoluta sobre os fatos que quem "esteve lá" reivindica era importante — e ainda é — para dar espaço às vozes dos "filhos", que também "estiveram lá" de outra maneira, e cuja visão da História talvez seja crucial para evitar que ela se repita em seus aspectos mais violentos, ominosos e aterrorizantes.

Sergio Schargel: Em relação à forma, por que escolheu subcapítulos curtos, geralmente em formato de parágrafo? Da mesma forma, por que escolheu o diálogo entre a ficção e os recortes de imprensa, que permeiam grande parte do livro? Ou as descrições em formato de lista?

Patricio Pron: Gosto de listas, e também pensei que não poderia reproduzir esses artigos de jornal sem deixar ao leitor algum tipo de marca gráfica para que ele fosse capaz de ver por si mesmo que as omissões e as contradições desses artigos dizem muito mais sobre a ideologia de seus autores e dos habitantes de El Trébol, onde a ação acontece, do que qualquer outra coisa que eu pudesse dizer a respeito. A forma breve, finalmente, foi resultado de que, de vez em quando, a escrita era demasiado dolorosa para mim, ou tão intensa que eu tinha que parar para respirar. O procedimento se repete em outros livros meus e sempre está motivado por isso, por um excesso de intensidade que deve ser moderado para poder seguir escrevendo, primeiro, e lendo, depois, mais tarde.

Sergio Schargel: Qual é a importância do caso Burdisso para a obra? Como a violência da ditadura do passado se conecta com a violência contemporânea? Uma pergunta que talvez não seja tão relevante, mas que me interessa pessoalmente: o caso Burdisso é fictício, ou você realmente realizou essa pesquisa nos jornais?

Patricio Pron: Os assassinatos dos Burdisso são reais, e eu tive conhecimento deles graças ao meu pai, da maneira que descrevo no livro. Nesse sentido, poderíamos chamar *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* de um "romance de não ficção". Na verdade, meu pai comentou passo a passo em *The Record Straight*, uma série de e-mails que podem ser lidos na seção dedicada ao romance no meu site, patriciopron.com.

O interessante para mim foi, desde o início, que as duas mortes estabeleciam uma simetria que enquadrava outra simetria, a de que, quando eu estava "procurando" meu pai em um sentido metafórico, ele também estava procurando alguém. O romance poderia ser articulado como um jogo de espelhos em que umas histórias explicavam as outras e destacavam o fundo de violência e sordidez da vida argentina, assim como a necessidade de justiça.

ENTREVISTADO:

PATRICIO PRON

É autor de seis livros de contos, incluindo *El mundo sin las personas que lo afean y lo arruinan* (2010, sem tradução ao português), *La vida interior de las plantas de interior* (2013, sem tradução ao português), *Lo que está y no se usa nos fulminará* (2018, sem tradução ao português) e *Trayéndolo todo de regreso a casa* (2021, sem tradução ao português). Também publicou sete romances, entre eles, *El comienzo de la primavera* (2008, sem tradução ao português), *O espírito dos meus pais continua a subir na chuva* (2011, sem tradução ao português), *Nosotros caminamos en sueños* (2014, sem tradução ao português), *No derrames tus lágrimas por nadie que viva en estas calles* (2016, sem tradução ao português) e *Amanhã teremos outros nomes* (2019). Também é autor dos ensaios *El libro tachado: prácticas de la negación y del silencio en la crisis de la literatura* (2014, sem tradução ao português) e *No, no pienses en un conejo blanco: literatura, dinero, tiempo, influencia, falsificación, crítica, futuro* (2022, sem tradução ao português). Seu trabalho foi premiado em diversas ocasiões, incluindo os prêmios Juan Rulfo, Cálamo e Alfaguara, sendo traduzido para doze idiomas, incluindo alemão, inglês, francês, norueguês, holandês, chinês, italiano e português. Em 2010, a revista inglesa *Granta* o escolheu como um dos vinte e dois melhores escritores em espanhol de sua geração. Recentemente, foi Diretor Convidado na residência para artistas Civitella Ranieri e professor convidado no Departamento de Literatura da Universidade de Colômbia. Pron possui doutorado em Filologia Românica pela Universidade Georg-August de Göttingen e mora em Madrid com sua esposa e dois gatos. Seu último livro é o romance *La naturaleza secreta de las cosas de este mundo* (2023, sem tradução ao português).

E-mail: patriciopron@gmail.com

ORCID: -

ENTREVISTADOR E TRADUTOR:

SERGIO SCHARGEL

Professor Substituto da Universidade Federal de São João del Rei. Doutorando em Letras pela USP. Mestre em Letras pela PUC-Rio, mestre em Ciência Política pela Unirio. Especialista em Literatura Brasileira pela UERJ. Venceu o Prêmio Abralic de melhor dissertação do biênio 2020-2021, que se transformou no livro *O fascismo infinito, no real e na ficção* (Bestiário, 2023). Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema direita, judaísmo, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim.

E-mail: sergioschargel_maia@hotmail.com ou sergioschargel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>



Esta é uma entrevista de acesso livre publicada sob a licença Creative Commons Attribution. A licença Creative Commons Attribution permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, sempre que a obra original seja citada adequadamente.